



Arranque da campanha autárquica



Miguel Baltazar

Inédito | Estas são as primeiras eleições autárquicas sem cobertura das televisões. Também são o primeiro teste nas urnas ao Governo de Passos Coelho.

Sem cobertura da TV, a campanha será marcada pelas questões locais

Problemas dos municípios deverão preencher o discurso dos candidatos. Mas a oposição não vai perder a oportunidade de colar o PSD e o CDS ao Governo

BRUNO SIMÕES

brunosimoes@negocios.pt

A campanha eleitoral autárquica começou oficialmente na madrugada desta terça-feira. Nos próximos onze dias, os candidatos vão intensificar as acções de campanha e apelar ao voto dos munícipes e fregueses. Os líderes dos partidos também vão ajudar no "sprint" final até 29 de Setembro. Apesar disso, os temas locais, específicos de cada município, deverão predominar no debate eleitoral. Por causa de um factor específico: a falta de cobertura da campanha por parte das televisões.

De um lado, os partidos da oposição – nomeadamente o PS – têm interesse "em 'nacionalizar' ao máximo a campanha", enquanto os que suportam a maioria "têm interesse que as eleições sejam mais locais", resume o politólogo Carlos Jalali. Por outro, são as questões locais "que interessam às pessoas", explica o coordenador autárquico do CDS, Domingos Doutel. Qual delas predominará no intenso debate que hoje começa?

"Difícilmente haverá uma 'na-

cionalização' do debate eleitoral autárquico, porque não há debates na televisão. E é isso que chega às pessoas", antevê Viriato Soromenho-Marques, professor catedrático de Filosofia Política. Por outro lado, a questão da limitação de mandatos também estará presente. "Criou-se uma atmosfera tal que será impossível que a oposição não acuse Luís Filipe Menezes ou Fernando Seara de ter direitos diminuídos para se apresentar a votos", justifica.

O politólogo António Costa Pinto tem a mesma opinião. "As questões locais serão predominantes: por um lado, os grandes 'dinossauros' do PSD – em Gaia e Porto – tentarão dissociar-se do PSD a nível nacional", especifica. Por outro lado, a "falta de cobertura das televisões vai diminuir a leitura nacional que se pode retirar da campanha".

Os líderes dos partidos, nomeadamente dos partidos mais à esquerda, vão aproveitar os eventos públicos para criticar o Governo – este domingo, António José Seguro foi a São Pedro do Sul pedir ao Executivo para "parar com os cortes". Na segunda-feira, João Seme-

do, um dos coordenadores do Bloco, afirmou que o objectivo do partido é que as autárquicas "constituam uma derrota política para a direita e para o Governo". Mas mesmo estas intervenções, reforça Soromenho-Marques, serão "apenas para o 'soundbyte'". Será um debate pobre: diz-se que é preciso mudar, mas sem dizer como".

Seguro começa ao lado de Costa

Apesar de haver sinais internos de que Seguro pode ter a liderança em risco caso não vença as eleições, o líder do PS estará ao lado do candidato à câmara de Lisboa – e ex-rival na liderança do partido, António Costa, numa arruada.

Passos Coelho esteve ontem na apresentação da Comissão de Honra de Almeida Henriques, na "batalha" por Viseu, e amanhã estará num jantar de apoio à candidatura de Domingos Araújo a Barcelos. Nuno Melo vai esta tarde participar numa arruada na Póvoa de Varzim.

Esta terça-feira, Jerónimo de Sousa estará na Chamusca, Entroncamento e Tomar, e Catarina Martins visita Torres Novas e o Porto.

Difícilmente haverá uma 'nacionalização' do debate eleitoral autárquico, porque não há debates na TV.

VIRIATO SOROMENHO-MARQUES

Catedrático de Filosofia Política

SINGULARIDADES DA CAMPANHA

Incerteza até ao fim sobre a ida a votos dos "dinossauros"

Estas eleições autárquicas são as primeiras em que entra em vigor a lei de limitação de mandatos autárquicos, que limita o exercício do cargo a três mandatos consecutivos. E nunca, desde 1976, se tinha ficado tanto tempo à espera de saber se os candidatos do PSD às duas maiores câmaras do País podiam, ou não, ir a votos. O diploma, redigido de forma dúbia, não esclarece se a limitação se aplica à câmara onde se exerceram os mandatos ou a todas. Chamado a pronunciar-se, o Tribunal Constitucional optou pelo meio-termo e apenas impede uma candidatura ao mesmo município.

As primeiras eleições desde o memorando

A troika chegou a Portugal em Abril de 2011, depois de ter sido convocada pelo PS. Esse facto penalizou os socialistas nas eleições de Junho, que colocaram Passos Coelho como primeiro-ministro. Desde então, o Executivo tem vindo a aplicar as medidas impostas pelos credores internacionais no memorando de entendimento (MoU, na sigla original), para garantir as tranches do financiamento de 78 mil milhões de euros. Ainda que haja especificidades nas autárquicas, esta é a primeira vez que o actual Governo vai ser avaliado nas urnas. E há estudos que dizem que a tendência é penalizar o partido que está no poder.

Televisões recusam cobrir a campanha eleitoral

A lei eleitoral autárquica impõe que todas as candidaturas tenham o mesmo tratamento por parte dos órgãos de comunicação social. A Comissão Nacional de Eleições, depois de queixas de partidos mais pequenos, começou a exigir que a lei seja cumprida à risca – o que implicaria, em Lisboa, que os nove candidatos que vão a votos tivessem idêntica cobertura, apesar de nem todos terem os mesmos objectivos. Por causa disso, as três televisões – RTP, SIC e TVI – decidiram que não vão emitir notícias sobre a campanha eleitoral.